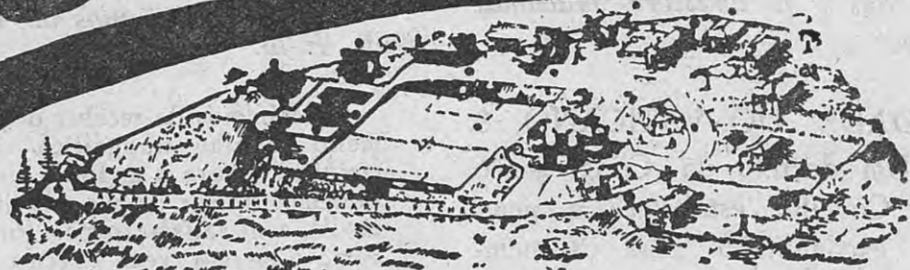




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 163
PREÇO 1500

BARREDO

TORNEI lá. Era de tarde. Desci, em vez de subir, como até aqui tenho feito, as escadas do Barredo. Tinha acabado de dar um recado a uns senhores na rua de Santa Catarina, e aí vou eu levado. Atravesso a Batalha. Entro no Terço, visitar um filho que ali tenho há um mês, por quem os Médicos se não furtam a trabalhos, nem a Irmandade a despesas. Bendito seja o Senhor Deus de Israel. Reassumo. Eis-me no Largo da Sé. Dantes, morava todo o mundo em redor das Catedrais; hoje só ali habita a miséria.

Começo a descer. É mais fácil. Eu tenho de procurar facilidades. A idade assim o pede e o Norberto também me ensinou; ele foi buscar pintalhões e estes limpam o refeitório das migalhas que ele havia de varrer! Eles dão-nos lições. Eles são os mestres.

Encontrei a mãe do Zé da Lenha. Ela ria-se de contente. Via em mim o seu querido filho. Logo a seguir, topo a do Joaquinzito, na Viela do Buraco. Ela mora ali. Que nome! Que sítios! Também ela se ri e torna a rir e torna a rir. Era o seu filho ausente... Paro um nada. Converso. Escuto. Pergunto-lhe se ela quer o filho. Quereria, sim. Não é necessário perguntar. Se o não quizesse não viria ao meu encontro, como veio, a chorar e a rir de contente. Quereria, mas não tem casa; eu durmo num portal!

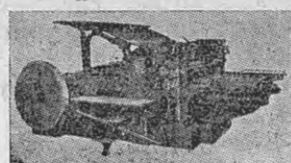
Estou agora em plena Ribeira. Debaixo dos arcos, arma-se um grande barulho entre homens e mulheres do rio. As palavras daquele sítio e daquela gente, cortam o ar. É o Barredo.

Mais vielas. Mais buracos. A avó daquelas três crianças a quem o pai morreu, como se falou aqui, ao tempo, vem ao meu encontro, mal acaba de me enxergar. Paro. Escuto. Dois dos rapazinhos já morreram; foi da doença do pai, informa ela. Um está vivo e tem aonde comer, mas anda pelas ruas. Ela pede que eu tome conta. Está agora na idade do ganhar ou perder, diz ela, amargamente. Eis um tratado de pedagogia. Aquela mulher das ruas é duas vezes mãe. Presente. Conhece os perigos. Quer acudir; está agora na idade do ganhar ou do perder. Ninguém diz mais em tão poucas palavras.

Começo a subir os Mercadores. A do Portal, estava no seu posto, em baixo, na soleira. Fiquei contente. Teria de subir ao sótão se assim não fôsse. Tinha apurado quinze tostões, desde manhã. Eu tomei o dinheiro e contei. É tudo gente pobre: Passam por aqui, olham para a minha cara, têm pena e dão um tostãozinho. No monte havia uma moeda de cinco tostões. Ela explica; foi um homem que passou, andou e tornou atrás, deixar aquela moeda. Que beleza! Que se teria passado na alma daquele homem, pobre, porque ali é caminho de pobres; que se teria passado?! Foi a cara da mendiga que lhe abriu a ferida no coração: eles olham para a minha cara e têm pena... Este homem pobre, porque ali é caminho de pobres, tira da sua boca cinco tostões para dar à esfaimada. Que beleza!

Daí a nada estava no Mousinho, Aliados, Praça,—o Turbilhão. Tudo me cheira mal. Tudo me sabe mal. Tudo me parece mentira. Eu vinha da verdade. Eu também vi o rosto e a expressão da Mendiga. É a Verdade. E esta verdade o Mundo não a quer ver! Pois que o Mundo d'agora torne atrás, como fez o Desconhecido da Rua dos Mercadores. Que olhe. Que escute. Que tenha pena da cara dos Mendigos; e de tristes que eles vivem, os façam contentes com o pão de cada dia. Mais nada.

A NOSSA TIPOGRAFIA



E Santarém; é o assinante 6.657. E meia ração de Lisboa. E o assinante 2.719 também de Lisboa, na marca. E a migalha de trinta escudos. E outra de vinte escudos de Vagos. E uma portuense que já mandou uma filha e vai ela agora com os cem milreizinhos da conta, a ver se a procissão recolhe. Não recolherá tam cedo, pois o lugar das procissões é justamente na rua. Ali é que elas são apumadas e esplendorosas. E duas irmãs de Leiria. E a quarta e quinta prestações de uma quintanista. Como nesta altura tenho dificuldades envio 100 escudos para entrar segunda vez na procissão. Assim resolvem suas dificuldades os homens que vivem da fé. E dois mil escudos de H. B. E mais 100 escudos. E outra vez cem do Porto, produto da percentagem do meu trabalho e também do ordenado do meu filho, que quando mo entrega pede sempre que reserve um pouco para a tipografia. Admirável! Tem de vir um dia, sim, em que a nossa procissão há-de forçosamente recolher; é uma privação. E cinco escudos do Bé-Bé João Bernardo. E nove deles de uma casa, com 180\$00 escudos. E beijos de cinco irmãozinhos a cinco mil reis cada um, conforme o contracto original. E cem escudos do assinante

1166. Duas prestações do assinante 11983. O pároco de Santa Cruz da Trapa também enfileira. E Alcobaca com uma prestação. E 50\$, das prestações das alunas da escola João de Deus. E uma excursão de empregados do Banco Espírito Santo que nos veio visitar; e um senhor mandou chamar o Faísca e deu para a mão dele o seu chapéu e virou-o com a copa para baixo e explicou-lhe de como ele havia de ir á presença de todos e de cada um. Não foi preciso perder muito tempo com explicações. Faísca é mestre. Toma o chapéu, desata a cravar os senhores a torto e a direito e acaçou-lhes à beira de 800 mil reis! E Meadela. E um visitante a valer por três. Fala, mas não é brasileiro; tem lá estado. E a segunda prestação de Ninguém. Muito gosto deste nome! E Coimbra:

100\$00 é para ir também na procissão vou como anjo eu tenho 10 anos e desde que nasci todos os anos tenho ido vestida de anjo na procissão da Rainha Santa Isabel pela mão do meu Avozinho e Padrinho que é o assinante 713 como ele vai desde o ano passado na procissão eu agora quero também ir pela mão dele.

Eu já ando na 4.ª e gostava de fazer exame, mas falta-me a memória peço para fazer uma prece a Deus para me avivar a memória.

Faltam 162 contos.



Até que enfim chegou o dia de podermos dar á estampa as alminhas da nossa aldeia.

Os nossos visitantes são como as abelhas; vão carregados para suas casas, espalham, semeiam. É o pólen. Volta e meia, recebemos cartas com aspectos e saudades de quem esteve e manda fotografias. Aqui vê-se o Rui de Abrantes, o Norberto de Gaia e o Amandio de Melgaço.

O torno custou 32 contos. É de metro. É o indicado para uma oficina de principiantes.

O VATICANO

O GAIATO é um jornal católico, por isso fica-lhe bem transcrever o que Diários fizeram e a Emissora Nacional disse:

CIDADE DO VATICANO, 9
— Um decreto da Congregação do Concílio estabelece a pena de excomunhão para os membros do clero regular e secular que tratem de negócios por sua conta ou por conta de outrem. O mesmo decreto prevê para os que incorram nesta sanção, além da redução ao estado laico, a obrigação de reparar os prejuízos materiais que porventura possam ter causado.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

TEMOS recebido fatos; os vossos fatos usados. Os muitos que têm vindo são poucos para as nossas necessidades. Precisamos de mais. Mais fatos. Deixar no Espelho da Moda, quem não quiser mandar para aqui. Mais 300\$00 escudos da Fonte da Moura. Mais três pacotes de dez quilos cada um; são encomendas postais. É açúcar que nos manda a Maria Helena de Lourenço Marques. Temos comido ervilhas de Moçambique. Elas são como manteiga! Também vieram por encomendas postais. Eu consolo-me delas comer. Ervilhas! Não há como as nossas colónias; a nossa África. Eu já aqui disse e torno a dizer; os portugueses da Metrópole deviam fechar as portas e embarcar todos para aquilo que é seu. Há dias foi um dos nossos Gaiatos para Lourenço Marques; não se farta de dizer aos seus companheiros que lá é que é. Brevemente irá outro para Zumbézia. A extensíssima. A fértilíssima. A portuguesíssima. De acordo; ele mosquitos, ele jacarés, ele cobras venenosas, ele febres, ele a desolação de terrenos incultos. Mas isto tudo é culpa nossa. Isto é a nossa ausência. E que o mundo o saiba: se nós não vamos vão outros... Mais 500\$00 escudos do Rio de Janeiro. Mais 200\$00 escudos do Porto. Mais o Abel que trouxe de lá 100\$00 d'uma sua freguesa. Como vai longe o tempo em que ele escondia dinheiro na sola dos sapatos e negava a pés juntos que não! Mais 500\$00 das Caldas da Saúde. Mais 200\$00 entregues na rua da Alegria do Porto. Mais roupas de Tomar. Mais ditas do Porto. Mais 100\$00 de Casaldelo. Mais os restos de uma homenagem, 24\$00 escudos. Mais do Porto 122\$60. Mais roupas de Vila do Conde. Mais 50\$00 de Fanzeres. Os senhores não mandem moedas dentro de cartas, senão os C. T. T. acaçam-nas e a gente fica sem elas.

TRABALHO

VOLTAMOS hoje á presença dos nossos leitores com este capítulo, em virtude de uma carta que recebemos de um cliente. Ei-la.

Acabamos de receber o primeiro trabalho tipográfico confeccionado para a n/ firma e não podemos deixar de vir manifestar-lhe a n/ satisfação pela forma como o mesmo vem executado.

Também nos impressionou muito agradavelmente o pormenor da numeração unitária de cada livro, não faltando até a prática lembrança de indicarem o penúltimo e último exemplar, evitando-nos assim um descuido de se ficar desprevenido, se a tempo competente não fizermos uma repetição.

O encarregado actual da nossa oficina é um dos rapazes da obra e é também a pessoa responsável por esta carta. E' ele quem dirige os trabalhos. E' o Júlio. O Júlio Mendes, natural de Elvas. Ele mete os rapazes seus companheiros ao trabalho para assim medir e ajuizar das suas aptidões. O último número do jornal foi tirado e retirado pelo Jacinto, vinte e cinco mil rotações. Por duas ou três vezes eu chamei o Júlio e disse-lhe dos meus receios. Que me

parecia temeridade. Que o rapaz é ainda muito verde. Eu tenho medo, já se vê. O capital, a obrigação de pagar, o nome da obra, o conceito que o público dela tem; nuvens que se formam no meu espírito. Mas Júlio dissipa. Que não. Não senhor. E faz doutrina. O rapaz faz doutrina. Começa por me dizer que é um erro impedir que o rapaz suba á profissão enquanto rapaz. Que os mestres, em regra, não gostam nem querem ensinar. Que a nossa oficina está aqui para o proveito dos rapazes. E o Jacinto continua a tirar e retirar o «Famoso.» E o Daniel Corre, já faz remendagem. E o Zé da Lenha, pedala e todos trabalham com muita alegria. Quero dar razão ao Júlio.

Estes rapazes são luminosos; certas afirmações suas, abrem-se em luz no nosso espírito. Exemplo. Ontem, falando com o chefe dos carpinteiros, disse-lhe da minha alegria por gosar a experiência de que alguns dos nossos rapazes já me iam prestando valioso auxílio; e desfiei os nomes de alguns. O rapaz escuta-me atentamente, mas não se espanta nem encarece. Acha tudo muito natural. Fita-me com os seus olhos e diz: pois de onde saem os homens? Eis aqui a luz. Eis aqui a simplicidade que desconcerta. Os homens saem naturalmente do rapaz.

NOTA DA QUINZENA

ESTEVE aqui há dias um visitante; chegou de manhã e era noite quando se foi embora. Era um frade capuchinho, oriundo do Estado do Rio Grande do Sul, a viver temporariamente em Portugal. Muito simples, ou ele não fôsse da regra de S. Francisco. E muito interessado nesta obra dos gaiatos, que conhecia através do jornal, mas queria apalpar. Deu-se-lhe um cicerone, como fazemos a toda a gente que nos procura. Ele caminhou e eu caminhei; ambos tínhamos as nossas obrigações. À hora de comer toca a sineta e o visitante segue os rapazes com os quais se senta à mesa. Vem o recreio e o religioso capuchinho joga a bola a mais eles. Toca a sineta a trabalhos e ele fica na companhia do cicerone, até horas de merenda. Nesta altura, bate à porta, entra no meu escritório e desata a conversar.

Ele anda pelo Alentejo e Algarve em serviço de pregação; tem uns dias de descanso, mas de novo regressa. Saca uma roda de borra-chada da sua pequena mala que coloca sobre a minha escrivaninha. Da mesma sorte, saca uma camara de ar e o coiro duma bola de categoria, olha para mim e informa: é com isto que eu prego o Evangelho aos alentejanos. E continua: esta pequenina roda serve para as raparigas e a bola, essa é para os rapazes. E prossegue: as igrejas enchem-se e as casas despejam-se; nem os gatos lá ficam. Compreende-se esta maneira original de pregar o Evangelho a povos que não têm noções nem criaram em si necessidades espirituais. Talvez para muitos seja escandalosa esta forma de pregar; eu cá digo que não.

Quando foi da feliz disputa

entre Benfica e Sporting a favor da Casa de Lisboa, o Julio disse-me: veja lá. Mais de cincoenta mil pessoas interessadas. Isto é muito importante, porque a massa está no futebol. Os do futebol é que sao. Eu disse interiormente amen.

Mas continuemos; o padre franciscano recolhe na sua pequenina mala os instrumentos da pregação, não sem ter oferecido antes a bola grande: eu tenho facilidades em obter outra; os alentejanos dão-me tudo quanto eu quero. Agradei mas não aceitei. Tínhamos meia hora que ele encheu com as impressões colhidas. Começa por me declarar que era Tomé; eu ouvia falar mas não acreditava. Mas rendeu-se. Rendeu-se totalmente: eu não vi o homem da vigilância. Eu não vi a secretaria. E agora, com máguia infinita, ele ocupa os derradeiros minutos a falar-me das obras de assistência da sua Pátria. O nosso governo gasta milhões. Eles dão dinheiro a católicos e a protestantes; a todos que ofereçam garantias de protecção e ensino. Nós gastamos milhões; é tudo dinheiro perdido. Ninguém acompanha os rapazes e as raparigas. A certa altura manda-se embora. A rapariga que sai aos dezasseis, um ano depois, vai pôr na creche o seu primeiro filho. E disse e disse e disse.

As obras de lá condizem com as decá. Brasileiros e portugueses, se não do mesmo ventre, são irmãos de leite. Qualquer um português poderia dizer o mesmo ao povo do Brasil, se ali falasse das obras de assistência da sua terra natal. Um ano depois de sair, ela vai pôr na creche o seu primeiro filho. E para isto gastam-se milhões e milhões e milhões.



CÃES

EM o derradeiro número, com este titulo, vinha a transcrição de cartas que na maré nos foram enviadas por pessoas amigas de cães e que deles se quiseram ocupar. Não tornaria a vir aqui se não fosse ter encontrado, entre as três cartas recebidas, uma muito séria, a qual pede doutrina.

E' uma senhora. Maneiras delicadas. Ortografia de primeira classe. Assina-se com o nome de batismo e de família. Transpira sinceridade. Lamenta o trato que eu dei ao animal e pede-me que tenha caridade para os cães. Ora aqui é que está; caridade para com os cães!

Em primeiro lugar e para tranquilidade da senhora, desejo informar que não foi na serra; a cadelinha foi deixada na estrada do Porto, alturas da serra de Valongo, ao pé de um lugar cheinho de casas. Ela, o animal, havia de procurar e não faltou, com certeza, quem lhe desse a mão. Não repugna acreditar que mais depressa o fariam à cadela do que a uma creança. E' a tal caridade...

Em segundo lugar, também devo informar que durante alguns dias fizemos constar fóra da nossa aldeia a presença do bicho, por ser de raça; e só tomamos aquela medida «cruel» depois de verificarmos que o seu dono não aparecia. Finalmente, e com licença dos ouvidos castos, nós temos de dizer ao mundo que é sumamente perigoso a presença de uma cadela por mais distinta que seja, em uma casa de educação de rapazes da rua, aonde também existem cães... Que a senhora me desculpe, mas foi por caridade para com estes rapazes que eu fui cruel. Posto isto, vamos à doutrina.

Caridade é uma palavra eterna. Deus é Caridade. Ela é o nosso manto; a credencial. Sem ela nenhum de nós tem lugar à mesa do Pai Celeste. Nada do que fazemos presta. Nada do que fazemos vale, sem a Caridade; e ao contrário, as coisas mais insignificantes, com Ela, têm valor eterno. O que o homem é; o que o homem se deve a si mesmo; o que nós lhe devemos a ele, — tudo isto gira á volta da compreensão e extensão da palavra Caridade. Só o homem é criado à imagem e semelhança de Deus. Só o homem é redimido. Só dele fala o Evangelho a pedir que lhe demos de comer e de vestir. Os cães não entram na conta.

Doi-me tanto ver a caridade feita rodilha nas festas elegantes e no conceito de certos! Desperdiçar o DOM de Deus! Desfigurar Jesus Cristo! Doi tanto! E é precisamente daqui que nasce a confusão das almas. A caricatura.

UM PRINCÍPIO É UMA OBRA

POR
JÚLIO MENDES



TODAS as grandes realizações humanas atravessam dois períodos, mais ou menos longos, conforme os seus fins: O primário, isto é, a fase em que se procura adaptar princípios, e o do pleno rendimento.

A nossa Obra nasceu, enraizou e, a seu tempo, tomou o rumo a que os seus princípios obrigavam: *deles, para eles, por eles*. Arrojo? Não, meus senhores. Quem realizou revolução pacífica, tamanha, não seria tão negligente se a não fizesse com confiança, e baseado nos ensinamentos do Mestre.

A Obra da Rua é o cumprimento integral das palavras de Cristo: *Amái-vos uns aos outros, assim como eu vos amei*. Ainda há quem não saiba respeitar o valor espiritual da Obra que nasceu do nada material, alicerçada nas virtudes emanadas do Altíssimo? Pois se houver, e se uma Obra se pode considerar inútil pelos seus defeitos, ou por questões individuais, que será de nós todos, homens, pecadores com lacunas, como tudo o que é humano? Outra vez, não, meus senhores; não nos cinjamos ao mau, porque é tão banal este qualificativo, que é impossível o mais perfeito dos perfeitos, não ter o sim sem ter um não. Que ninguém atire uma pedra, se estiver sujeito a resposta.

Pois há quem se assuste com certos pontos que lhes parecem melindrosos.

É o caso, por exemplo, de nos apresentarmos bem indumentariamente, embora com modéstia, sem a triste monotonia que oferece o uniforme, a *farça*. Além disso não será uma obra de caridade vestir os nus? Não é este um preceito? Pelo menos, assim rezam os livros sagrados. Para que não aplicá-lo? A nossa Obra, como se sabe, é a aplicação da Doutrina que se propôs trilhar.

Mais. Causa apreensões este ou aquele rapaz, ter esta ou aquela responsabilidade. Então, aquele ditado popular e tão trivial, jamais poderia existir: *desta massa é que eles se fazem*. Um homem será amanhã, aquilo que é hoje. Discordo de quem julga os factos à margem deste ditado. É evidente. A vocação tem de ser respeitada e amparada desde a meninice e todos os meios e responsabilidades, quão maiores forem, mais probabilidades existem para o indivíduo se aclimatar e, na idade considerado capaz juridicamente, terá ocasião, sem receios, de cumprir o lugar na vida que lhe for destinado. Será assim ou não? Creio na afirmativa. Haja coragem e confiança. A Obra da Rua é obra dum homem, mas vinda de Deus. Só isto basta para que ela seja o que na verdade é: revolucionária, mas pacífica. Um mistério da Providência!

Deveria ser o primeiro cuidado dos homens, levantarem pelo direito natural e em normas familiares, tantos dos nossos camaradas de infortúnio. Quanta riqueza abandonada com todas as probabilidades, perdida no mar imenso da infelicidade? Quando é que no mundo, os homens poderão usufruir os seus direitos e cumprir os seus deveres? Acima de qualquer problema vital, o levantamento da raça, por métodos familiares, como nas nossas casas, afigura-se-me primordial. A juventude de hoje será o Portugal e a sociedade de amanhã. Que será futuramente, de legiões dos nossos irmãos dos caminhos? A conclusão será fácil... Pois então, se a sociedade amanhã quiser indivíduos capazes, terá de os levantar hoje. Para eles, são precisas casas do gaiato. Mas, um homem não pode por si resolver este problema, que se torna não regional, mas nacional: o das creanças sem eira nem beira. O fundador da nossa Obra lançou a semente à terra. Se foi lançada, não seria para as avesinhas virem ao seu encontro e rilhá-la, mas para produzir. Ela está lançada e só quem for muito Tomé poderá não acreditar nos seus resultados. Eles não se escondem, publicam-se. Mal ou bem, tudo isto é a Casa do Gaiato.

AQUI, LISBOA!

TÊM aqui vindo Senhores de Lisboa perguntar pelo pequenito de dois anos apanhado pela polícia. Não lhe são nada, mas interessam-se por ele como se fôsse da família.

Um dos cicrones sobe à camarata dos *bataças*, descobre a cara do pequenito gorducho que está na hora de repouso e mostra enternecido: *é tão lindo o nosso menino, não é?*

Muitos põem-se a chorar. As lágrimas que habitualmente são sinal de dor, aqui são explosão de ternura e alegria.

Júbilo das almas! Através destes pequeninos nadas, dos que estão e dos que vêm, se entreolha o Santuário d'almas que é cada uma das nossas casas.

Por ser santuário têm-se organizado até aqui, verdadeiras peregrinações. Ainda agora por cá passaram vinte Rapazes duma Escola Comercial do Barreiro. Dirigiam-se a Fátima, a pé. Comeram à nossa mesa, como manda a Caridade Cristã a respeito dos peregrinos, mas camas é que não havia.

Bastava meia palavra. Cincoenta dos nossos Rapazes levantaram a mão: *«Nós damos a nossa cama; estamos habituados a dormir no chão.»* Assim o disseram e assim o fizeram.

Muitas outras escolas de Lisboa nos visitam constantemente: é a aproximação das almas, o abraço dos ricos aos que nada eram por nada terem. Hoje têm amigos, são alguém.

Do Seixal e da Atouguia da Baleia, desceram também até nós numerosos grupos de gente nova. Visitaram muitos monumentos e pontos obrigatórios de turismo.

Mafra, deixou-os indiferentes -casernas; Jardim Zoológico divertiu-os um pouco—Estádio deslumbrou momentaneamente o delírio da bola! Mas só aqui encheram a alma *havemos de cá voltar*—Santuário!

Da Polícia Int. recebemos recado de que F., que deveria entrar nesse dia nesta casa, estava sob a sua alçada. Nós não esperávamos ninguém, por isso estranhámos, mas não nos admiramos. É certo e sabido que a quem não tem ninguém e anda na rua, espera-o uma tábuca certa no calaboiço. Se não é hoje, amanhã está lá caído. De facto à tarde entrou um carro com uma família com o suposto réu.

A senhora contou que andando a passear o seu bebé num pequeno carro na Praça de Camões, tinha sido abordada por aquele rapazinho. Primeiro pede-lhe que deixe tocar o carro do bebé—o que revela bondade de coração; depois declara-lhe que não quer ser ladrão nem vadio, mas se via obrigado a isso por não ter ninguém,—honestidade—que tinha sido escorraçado

da furna de Monsanto pela madrastra, dormia numa casa de porta aberta, no Bairro Alto e comia nas tabernas próximas.

Depois acrescentou: eu vi um filme sobre a casa do Snr. Padre Américo... se a senhora soubesse onde era e fosse lá pedir para eu entrar... Não sei ler, mas vi que se tratava do Snr. Padre Américo. O pedido estava feito mas eu não tinha facilidade em atendê-lo. Não havia camas e tenho regeitado centenas de outros pedidos; mas comecei a ver as furnas, a policia, a viela, a taberna e o grito d'alma daquele Rapaz—*eu não quero ser ladrão nem vadio* e, disse que sim.

A senhora desatou em choro pegado.

—*E' de alegria que eu choro!* explicou.

Chama-se Guira. É de origem germânica. Quem frequenta os teatros conhece-lhe parentes, mas os teatros não são santuários senão de corrupção.

Ouçõ dizer que o Teatro está em decadência. Só agora é que os entendidos repararam nisso. Pois não é sabido que a corrupção é o sinal mais certo da morte? Se o teatro está gangrenado caminha para a morte.

Temos mais filhos de artistas de teatro. Não podem os filhos deixar de ser lixo quando os pais são lama.

Ainda agora acabo de apreçar uma moagem para a nossa padaria, na empresa H. Vaultier. (Precisamos duma moagem ou de 15 contos para ela; se alguém souber de quem a queira oferecer, diga.) O empregado que vem ao balcão ouve falar da Casa do Gaiato e exulta. Pergunta coisas e eu digolhe muitas coisas. —A sociedade é que é a culpada de tudo, afirma ele. E conta coisas da vida da sociedade, que arrepiam. Depois põe o dedo noutra chaga: O mau cinema é o virus mais violento que está a trabalhar na corrupção da sociedade. É espantoso como um homem de ganga azul, descobre e aponta a chaga em quanto os responsáveis só vêm o lucro —o lucro maldito. E depois cá estamos nós a respirar a poeira que os outros levantam.

Visitou-nos agora uma família. Os filhinhos vêm à vez depositar o seu óbulo e explicam a proveniência: era dinheiro que nos davam para guloseimas, mas nós durante a quaresma fizemos sacrificio de não comer doces e guardamos esse dinheiro que vimos entregar aos nossos irmãozinhos! 650\$. Admirável exemplo de renúncia e caridade! Uma família cristã como esta é um santuário. As nossas casas são santuários porque cada uma delas é uma família cristã.

P.º ADRIANO

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

CRONISTA
CARLOS GONÇALVES

COMO os nossos leitores sabem. no Lar do Porto foi fundado no princípio deste ano um grupo de futebol ao qual se pôs o nome de Grupo Desportivo «O Gaiato» Lar do Porto. Depois de vários treinos, sem treinador, porque nas nossas casas tudo é pelos rapazes, foi resolvido fazermos o primeiro jogo. Começamos por arranjar um adversário que serviria para a nossa estreia e esse foi o Sporting Clube de Espinho (juniores). A escolha foi um pouco arrojada, pois geralmente as equipas de juniores são constituídas por rapazes de dezoito a dezanove anos; enquanto que os nossos andam por volta dos quinze aos dezanove.

«Já tenho lido nalguns jornais desportivos em que os mesmos lamentam que em Portugal não se possa jogar antes dos dezoito anos. Realmente é de lamentar porque para-se ser um bom jogador e para se praticar bom futebol é preciso começar cedo a tomar contacto com a bola.

Os jogadores podem ser fisicamente bem constituídos, mas se lhes falta uma coisa que se chama habilidade, podem muito bem ser a causa da derrota do seu grupo. Já temos tido exemplos com o nosso grupo. Quando pela primeira vez jogamos na Constituição, os nossos adversários eram fisicamente superiores a nós; alguns deles deveriam passar dos vinte anos, enquanto que a nossa equipa se apresentou com rapazes de doze a dezassete. Chegamos ao fim do encontro vencedores. Não poderei esquecer uma frase que o Snr. Alves Teixeira escreveu no seu simpático órgão desportivo: Assim se jogava antigamente; dizia este Senhor.

Tudo isto vem a propósito de em Portugal não se poder jogar antes dos dezoito anos. Voltemos agora ao assunto primitivo. O desafio foi marcado para o dia vinte e três. Chegada essa data fomos até Espinho onde aí disputamos o anunciado encontro.

A nossa equipa teve que ser reforçada com elementos da Casa de Paço de Sousa, pois alguns dos nossos não tinham a necessária preparação.

Acabado o encontro saímos satisfeitos do campo. Tínhamos conquistado no primeiro jogo a primeira vitória e ainda porque os nossos adversários receberam-na lealmente, nunca abusando do pequeno físico dos nossos rapazes.

No fim do jogo um Senhor que foi incansável na organização da nossa visita a Espinho, ofereceu-nos de merendar.

A todos os Espinhenses muito obrigado pela maneira gentil como fomos recebidos.

Do simpático grupo Cultural e Filantrópico «Os Carlos» recebemos a quantia de cincoente escudos para os nossos pobres. Da Junta Nacional de Frutas um cesto de laranjas. A casa de vinhos Burmester deram-nos seis garrafas de vinho do Porto.

A todos obrigado.

A QUEIMA DAS FITAS DOS UNIVERSITÁRIOS DO PORTO

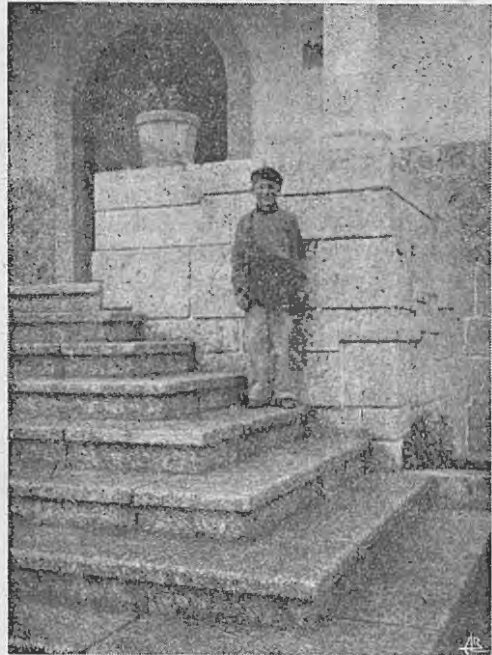
AS Raparigas e os Rapazes da Universidade do Porto, quiseram fazer um dia para os nossos rapazes no seu programa de festas, e encheram-no totalmente. Alguns estenderam-se até Vila Nova de Gaia, outros chegaram à

Foz e todos calcaram as ruas do Porto com entusiasmo e boa vontade.

Colheram quarenta e um mil e quinhentos escudos e setenta centavos. Foi uma jornada a bem da Nação. Que ela lhes saiba agradecer.

ISTO É A CASA DO GAIATO

O Zé de Arouca, veio agora aqui mesmo mostrar-me o SPORTING CLUBE DE PORTUGAL e informar que já é o segundo número. Ele nem sabia aonde pôr as mãos de contente, por ver o seu nome escrito a tinta pelos senhores do



Este é o Zé d'Arouca. Em o N.º 161 do Gaiato, vem a dizer que o Zé d'Arouca tinha resistido a um senhor amigo, que procurou acaçá-lo para o Boavista e o rapaz disse que não; eu cá sou do Sporting. Ora muito bem. Dias depois, recebemos aqui uma carta do Sporting com uma notinha de cem escudos do Grupo turístico «Os Leões» para a nossa tipografia. Também vinha uma encomenda para o Zé d'Arouca, como prova de admiração e reconhecimento pela sua firmeza de carácter. Tratava-se de um galhardete e cinco emblemas de pano e um em metal. Chamei o Zé d'Arouca, entreguei solenemente e fiz um grande sermão contra os vira-casacas. Cada vez gosto mais do Zé d'Arouca. Já gostava, pelo muito que ele sofreu antes de ser meu. Esteve aqui há dias uma excursão de Vila da Feira; gente do nosso povo. Um grupo de mulheres deu com ele, mediram-no com os olhos, fustigaram-no com palavras, choraram de alegria.

Era um salvado que estava ali, elas conheceram e sentiram os seus tormentos!

SPORTING. Eu não sei se ele o lê. Ele é aluno da segunda classe e tem recreios mais pequenos do que os outros, porque trabalha no campo. Não sei se ele o lê, mas estima. Estima muito o jornal e tem os números guardados ao pé das suas coisas.

O Manuel Risonho chegou ontem da venda do jornal e veio aqui aonde eu estava a escrever, pedir-me que fosse ver uma coisa. Eu deixei a caneta e fui. Eu tenho de ir ver todas as coisas deles. Esta é mesmo a minha única missão. O resto são eles. As coisas grandes, os pensamentos elevados, os actos nobres. Tudo quanto interessa e agita a alma de quem nos conhece, tudo isso são coisas deles. São eles.

Chego fora do escritório e ali estava a coisa: olhe. Era um par de botas altas e em cima delas dois pares de meias. Foi uma senhora que eu tenho na electricidade do Porto. Ora pegue. E eu tive de pegar nas botas e tive de pegar nas meias. Manuel Risonho sem diminuir nada ao gesto e à palavra, disse-me que a senhora lhe deu cerejas e que lhe tirou o retrato e que quer que eu venha no jornal; e termina contentíssimo: *ninguém tem uma senhora assim*. Felizmente estava ele sózinho, porque se estivessem os mais, teríamos aqui grandes disputas. Cada um diria o mesmo da sua senhora.

ONTEM á tardinha aparece aqui uma mulher toda esfarrapada, que trazia um filho ao peito e outro pela mão. O terceiro que ela tem, é hoje da Casa do Gaiato. É aquele pequenino angélico, que Espinho e Porto viram dar o pontapé de saída quando os nossos lá foram jogar. A mãe esfarrapada, vinha com três dias de viagem e contava andar outros tantos até chegar ao seu destino. Quando eu dei fé, estava ela sentada no salão da Casa Mãe a dar leite ao pequenino por uma lata de folheta,

tendo ao pé o que é hoje nosso e mais afastado, um outro que lhe pertence. Eles são três de tres homens, por isso nenhum tem pai... Não se esperava aquela visita; muito menos a forma admirável como o rapaz recebe a sua mãe. Foi ele que a mandou sentar. Ele que foi á cozinha pedir uma caneca de leite muito docinho *prá minha menina*. Ele tudo e por si mesmo! Foi ele quem se sentou juntinho à sua mãe a chorar de contente, enquanto ela alimenta uma criança mortíça a quem ele chama a minha menina. É ele quem relata à sua mãe as maravilhas da casa que é hoje sua: *que vai jogar a bola a Espinho e ao Porto, que todos são amigos dele, que dorme numa cama e que lava a cara todos os dias*. Cada vez gosto mais da nossa porta aberta. Cada vez amo mais e mais a obra que nasceu dentro de mim, aonde uma criança dos caminhos tem a liberdade e santa de ir à cozinha pedir e dar á sua menina um pucaro de leite quente. A esfarrapada. A pecadora. Que importa? O filho só vê nela a sua mãe. Assim olha Deus para nós!

ONTEM jogaram os nossos no campo da Constituição do Porto. Já ha muito que se falava. O capitão escolheu três do Lar do Porto e daqui foram os mais. Era o Prata era o Adriano e era o Silva. (Antigo Cête). Passava muito das vinte e duas horas, quando a camionete regressou. Eu estava à espera. Tão tarde e eles sem vir! Aí vem ela avenida acima. Vinham também os três do Lar do Porto. Mal dei com os olhos neles não foi preciso ninguém dizer-mo, fiquei sabendo da vitória. Poderiam ter ficado no Porto; o nosso lar é perto da Constituição. O dia seguinte era dia de trabalho. Aqui teriam que se levantar cedo como levantaram. Pagaram o comboio. Que importa? Nada disto é obstáculo. O grande incomodo, a grande tristeza, o grande desgosto seria não vir á Casa Mãe,

atroar. Prata e Adriano e Silva, mas sobretudo Silva, esguichavam alegria: dois a zero. Mas houve mais. Estes dois foram metidos por Adriano e por Silva. Avelino foi á adega e abriu duas garrafas do nosso melhor vinho



Dois azes da venda. Duas estrelas. Foi um senhor do Porto que lhes tirou o retrato. Estes rapazes enchem a gente; fazem transbordar. Causam inundações!

O Fairca é o de calção. É o fato que os do Banco Espirito Santo lhe deram. Não lhe pouxa uma mosca!

O campanheiro é o Abel. Nasceu num hospital e ali perde a sua mãe. É só por um caso de consciência que ele paga bilhete inteiro, quando vai ao Porto. Ninguém lhe dá mais de dez e ele tem estes e mais sete! Perdeu a mãe ao nascer; eis a desgraça! Saibam isto os que muito lhe querem e fiquem-lhe a querer mais.

NOTICIAS DE LISBOA

DE CARLOS ALBERTO

AQUI há quatro semanas foram três rapazes entregar a taça ao Benfica. Foi o Octávio, o Ardina, e eu. Ficamos muito contentes ao ver o ambiente dos grandes salões do Benfica. Parecia que estavam ali reunidos todos os adeptos. Antes de entregar a taça eu fiz um discurso ao Grande Benfica a dar-lhe a razão do nosso contentamento. Não esperava de ver uma reunião tão bela. Não esperava que o meu Clube se apresentasse assim como uma grande família, cheia de bondade e carácter.

Também não esperava que os directores deste clube fizessem os seus discursos como irmãos e amigos da Obra da Rua.

Entreguei a taça com muito gosto porque sabia que a estava a entregar a gente amada.

Aos dois os discursos levaram-nos à sala das taças. Nunca se viram taças juntas e celebraram-se umas duas mil e tantas. Depois levaram-nos a comer bolos: O

Ardina era Sporting mas como viu que o estavam a tratar bem pediu o emblema do Benfica para uma recordação.

Aqueles senhores foram tão bondosos que deram um emblema a cada um de nós. Se até aqui era amigo do Benfica agora ainda mais. Viva o Benfica.

Viva também a Bola que publicou o nosso retrato e deu todas as notícias do desafio e patrocinou a ideia da Taça do Gaiato e isso foi tão bom o resultado para a nossa Casa.

A nossa Conferência

Todos os rapazes da nossa Conferência foram assistir à Reunião de Conselho Particular em Vialonga. Houve vários discursos um deles foi feito pelo Chochas que é o Secretário da nossa Conferência, e outros por vários Presidentes de Conferências ali reunidos. No fim ao terminar fez-se a colecta, o Presidente Geral disse que o que mais lhe tinha agradado tinha sido o retrato da nossa Conferência da Rainha Santa e convidou-nos para irmos lá falar na próxima reunião geral em Vila Franca de Xira.

NOTICIAS DA CASA DE MIRANDA

DE JOSÉ MARIA SARAIVA

1 Temos cá cinco porcos. Em Janeiro tínhamos sete, mas daí para cá tivemos pouca sorte. Sabem o que foi? Foi o seguinte: Tínhamos uma grande porca que já era a terceira vez que criava. Num sábado, á noite estava um pouco doente, e no domingo de manhã qual foia nossa admiração quando vimos a porca morta! O Ti Pedro, que é o nosso principal trabalhador da quinta, foi imediatamente chamar três homens de fora, e depois enterraram-na no fundo da quinta. Tivemos pouca sorte, é certo, mas Deus queira que nunca mais nos aconteça isto.

2 No dia 15 de Abril foram seis gaiatos daqui a Lisboa, ver o sensacional desafio de sempre entre o SPORTING e o BENFICA. Foram eles: o Jeaninha, o Afonso, o Zé das Bolas, o Victor, o Fala-Barato e o Ferrêta da dispensa. Quando regressaram vinham muito contentes e satisfeitos com a viagem. Trouxeram 10 quilos de amendoas: 5 para aqui e 5 para Coimbra. Quan-

do eles entraram no refeitório a rapaziada não estava calada um momento e exclamavam: Amendoas?! Amendoas?! Amendoas?! E as amendoas foram distribuídas. E houve um gaiato muito guloso que até dormiu com elas atadas com um lenço ao pescoço.

3 As nossas obras cada vez vão mais adiantadas. O forno já está pronto. Só lhe falta uma coisa por dentro. Os pedreiros já fizeram os andaimes, para dentro em breve fazerem a chaminé que tem 6^m de altura. A cozinha dos porcos já está a funcionar por motivo das casas velhas, que haviam sido destruídas. Já veio o ladrilhador, que já arranjou a padaria e agora anda a começar a colocar os ladrilhos em frente ao forno.

4 No domingo, 23 de Abril, fomos visitados constantemente. Primeiro vieram uns senhores e umas senhoras que nos deixaram 50\$00, depois outros senhores deram ao Sr. Padre Luís 70\$00. Antes disto veio o Sr. Carlos Sá com a sua esposa e com o Sr. Padre Manuel. Não temos bolas nenhuma, nem de borracha nem de couro, e pedimos uma ao Sr. Sá.